A ÁGUA NA DECORAÇÃO

IBSEN PIVATELLI

4
48

A ÁGUA NA DECORAÇÃO

IBSEN PIVATELLI

DESENHOS E ORIENTAÇÃO
TIPOGRÁFICA DO AUTOR

1948

T/H
1948

ESCUELA NACIONAL DE BELLAS ARTES
31
BIBLIOTECA
28-4-53

TESE DE CONCURSO APRESENTADA PELO CANDIDATO IBSEN PIVATELLI, PARA PROVIMENTO DO CARGO DE PROFESSOR CATEDRATICO DA CADEIRA DE "COMPOSIÇÃO DECORATIVA", PERTENCENTE À FACULDADE NACIONAL DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO BRASIL.

INTRODUÇÃO

A nossa época, que se pode caracterizar pela preocupação de sondar o que está no fundo da personalidade humana, encontrou, na água, o símbolo psicanalítico do nascimento, da origem e do limiar da vida.

Por uma coincidência estranha, esta é, tambem, a idéia fundamental oriünda da cosmogonia de todos os povos. Na Bíblia, antes de se transformar o Caus em Cosmos, "o Espírito de Deus se movia sôbre a face das águas." Gên. c. I, v-2. Na mitologia Egípcia, Ísis nasce do Lótus, planta aquática, e Osíris surge das águas. *Zi-kia* ou *Ea*, cuja morada favorita era

o rio Oceano se chama freqüentemente o peixe sublime e percorre seu domínio num navio simbólico, tripulado por seus filhos.

Entre os gregos, o tempo que se chamava *Cronos*, é Filho de *Tétis* - a terra - e do *Oceano*. Mais tarde, seguindo a linha de abstração crescente do pensamento humano, que procura livrar-se do seu lastro antropomórfico inicial, a filosofia naturalista da Jônia, faz da água o elemento por excelência, de que são constituidas tôdas as cousas (Tales de Mileto).

Através dessa corrente, a água penetra no *âmago* dòs "elementos" dos peripatéticos e, assim, alcança a idade média até que o Renascimento, substituindo a filosofia dò *Stagira* pela investigação experimental da natureza, transformou, finalmente, a água numa substância particular, formada pela combinação de duas outras.

Por outra coincidência não menos curiosa, a associação de *Cronos* com o *Oceano*, prolongou-se nas clepsidras romanas. Foram com a água que funcionaram os primeiros instrumentos de medir o tempo.

Aristóteles afirmava que todo animal terres-

tre correspondia a um monstro procedente do mar. O mar estava cheio de esbôços grosseiros da vida, tentativas de realizações plásticas malogradas, que ficavam ocultas sob as águas. E, quando os navegadores desafiavam os perigos e as incertezas das viagens de exploração às regiões ignotas e escondidas pelas distâncias imensas do Oceano, todo êsse mundo de abusões, de sêres fantásticos renasciam, ameaçando os ousados navegantes de naufrágios e desgraças.

Os "Bestiários", verdadeiros tratados de zoologia fabulosa foram codificando as notícias e descrições dêsses monstros, mas seu aparecimento se foi tornando cada vez mais raro e mais difícil. Diante do progresso da Ciência, os monstros foram recuando, até procurarem refúgio no mundo das cousas imaginárias. Entretanto, à medida que novos estudos se faziam, acumulando as descrições, a Humanidade assistia, surpresa, a um desfile de sêres muito mais estranhos que aquêles que a imaginação exaltada dos navegantes trazia aos ouvidos crédulos da Europa. Pouco e pouco, completava-se o quadro das manifestações da vida. Darwin, voltando de sua viagem mundial, a bordo

do "Beagle", teve repentinamente uma intuição de conjunto que relacionava tôda aquela multidão de sêres: a *Evolução.* E foi através dessa idéia que se voltou à concepção cosmogônica primitiva de que a vida surgiu da água. A água tem sido também o símbolo de tudo o que é fluído, móvel, fluente, imutável, de tudo que escapa a esquematizações rígidas.

Quando Heráclito de Éfeso procurou uma imagem para exprimir sua concepção do mundo como algo que está sempre "devindo", usou do curso da água: "Nunca nos banhamos duas vêzes no mesmo rio". Nuvens, rios, aspetos do mar, cambiantes, imprecisos e incertos -- sempre é para a água que apelamos quando necessitamos de uma imagem do que escapa à nossa vontade de precisão. A água tem desempenhado, na história do pensamento filosófico, o papel de símbolo ontológico, algo que mal conhecemos.

À semelhança de certos deuses da Oceania que só são divindades, quando adquirem forma e, adquirida essa começam a morrer. (E Faure).

A arte, aspeto da cultura que reflete de

cada povo seu gráu de civilização, não poderia deixar de usar da água como recurso de expressão.

Essa preciosa substância tanto em estado líquido como solido ou gasoso, é uma fonte inexgotável de inspiração através de suas extraordinárias manifestações.

Assim, pois, tão valiosamente se manifesta no encrespado esplendor das ondas do mar revôlto, como na mansidão caudalosa dos rios na sua constante obediência rotineira, como ainda na cismadora extensão dos lagos, sob a tortura aprisionante da terra e cuja placidez espelhante de sedutoras miragens que tanto impressiona o ser humano pela sugestão de mil fantasias.

Com pompa igual e numa arrogância intraduzível manifesta-se também nas cascatas, ora como risos estridentes, ora como prantos copiosos, com que a natureza sempre irônica se apresenta no seu apogeu de beleza sedutora, de esplendor misterioso.

Ela é a dôce canção dos prados verdejantes, no seu eterno convite à felicidade humana nessas lindas manhãs primaveris.

A misteriosa e bela expressão do eterno azul suspenso entre nós e as colinas longínquas, sempre em provocação incessante, sugerem as grandes expressões artísticas.

E o toque insondavel, profundamente misterioso do crepúsculo é a inspiração divinizada na qual se embriaga o artista sedento de paísagem em que mira o espírito voejante.

A estranha e linda côr do arco-íris em seu farfalhante e perturbador tom multicor, é outro quadro celeste exposto a provocar as fantasias de nossa imaginação.

Êsse agregado de vapores condensados na atmosfera, cujas gotas de extrema pequenez, aguardam, apenas, o toque retumbante de alarme para as suas desmedidas expansões.

Ela é o repouso geométrico do cristal da neve, êsse vigor atmosférico, congelado em flocos lindamente brancos e leves que caracterizam as invernosas estações do ano sôbre a mais perfeita beleza atmosférica.

Toma a forma das horas, inconfundível e te-

merosa e a rotundidade falsamente maciça das nuvens.

Finalmente, é o grande elemento inconstante da natureza que, alternadamente, assim se apresenta...

Ora sopro, murmúrio, côr, forma ou materia, que conforme a sua fantasia, retransformando-se contínuamente, escapa, foge e desaparece na mais inconfundível, impressionante e invisível das aparências.

I

A par das obras literarias que se referem à beleza e à importância da água, artistas tem havido em todos os tempos que têm procurado fixar sôbre várias obras de arte, os efeitos para fins recreativos, que, com a água, se podem conseguir.

Assim, as fontes, as cascatas e os lagos artificiais, os espelhos dágua, etc... são obras que se encontram tanto na antiguidade como nos tempos modernos.

FONTES DECORATIVAS

As fontes que inicialmente brotavam da terra, foram embelezadas pelo homem, não só com o intuito de as preservar, como também para servir de motivo decorativo.

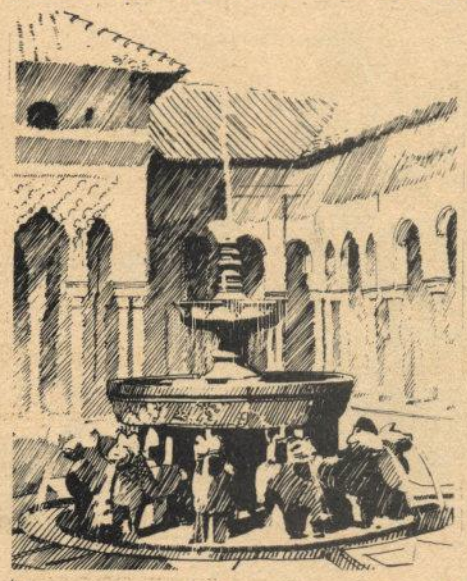
Cronológicamente, as fontes correspondem à necessidade local do momento, e, quanto à sua construção, elas traduzem a arte dominante de cada época.

O valor das fontes está condicionado à sua raridade. Em lugares onde a escassez de água é grande, dá-se às fontes maior importância, razão pela qual são ornamentadas com mais esmêro. Assim à finalidade decorativa, alia-se a sua utilidade.

A Bíblia está cheia de alusões às fontes e aos poços donde se extraiam o precioso líquido: -- Moisés, batendo com uma vara no rochedo, fez brotar água com que saciou a sede dos Israelitas. - Jesus, fadigado junto ao poço de Jacob, pretensamente se-

dento, obtem da Samaritana a prova de sua caridade.

Para salientar a importância das fontes em pontos onde as nascentes escasseiam, seria necessário citar a "Fonte da Mesquita Mahomet-Ali", no Cairo, fundada em meiados do seculo passado. Dentro do pequeno templo em que esplendem paredes e colunas de alabastro, manam vários veios de água furtiva, limpa e fria, cujo rumor é, segundo a dizer dos historiadores muçulmanos "uma sinfonia" - alma de tôda a arte islâmica, recolhida sôbre êste rincão insolado da África milenária.



A "Fonte dos Leões", no Alhambra do Granada, é um exemplo, mundialmente, conhecido, pela influência da arte muçulmana na Espanha.

Caracteriza-se essa estranha fonte, construída no início do século XIV, pelos sublimes versos de *Ibn Zamrek*, dedicados à Mahomet V, e gravados na

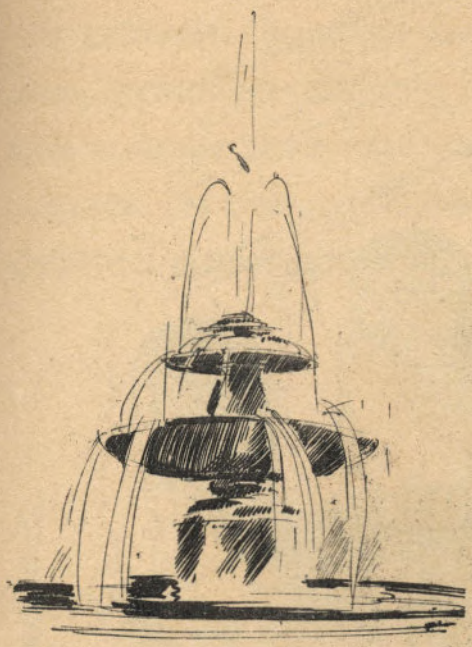
borda da bacia superior, colocada sómente no fim do século XVII.

Foram, porém, os artistas da Renascença, que mais se salientaram, pelo requinte na decoração das fontes, obtendo, assim, com a água em movimento os mais impressionantes efeitos.

Dentre os inumeros escultores da época, destacou-se na Itália: Lourenzo Bernini, que, pela sua inconfundível expressão de arte, apresenta nas diver-

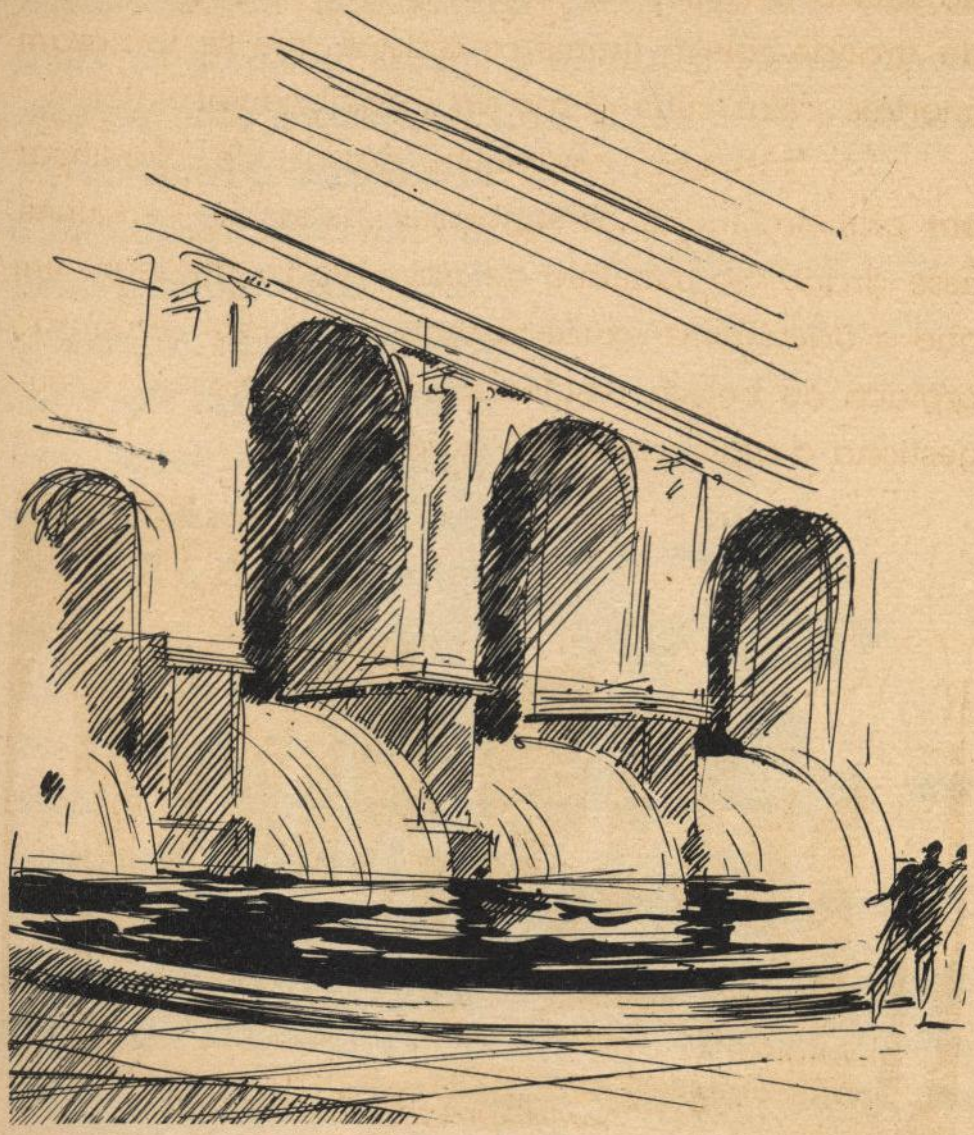
Fonte dos Quatro Deuses Rios na Piazza Navona

sas fontes de sua autoria, em que fluxos efervecentes caindo aos borbotões, harmonizam impressionantemente deuses marinhos e figuras grotescas da fauna aquática. Suas obras mais conhecidas são, incontestávelmente, a Fonte do Tritão na Piazza Barberini, a Fonte dos Quatro Deuses Rios no Piazza Navona e a da Piazza San Pietro em Roma. Dentre outros mestres da escultura italiana dos séculos XVI e XVII, não menos famosos, podem ser criteriosamente citados Carlo Bizzachéri, pelo seu trabalho da Fonte de S. Maria em Cosmedin, Francesco, Peparélli pela fonte no Páteo Santacroce em Roma, Pierro Ligório pela execução da Escadaria e Fonte dos Dragões na Villa D'Éste em Tívoli. Domênico Castéli pela Fonte de Faenza, Giovanni Fontana a Carlo Maderna pela Fonte de



Fonte da Piazza San Pietro

Acqua Paola em Roma e muitos outros.

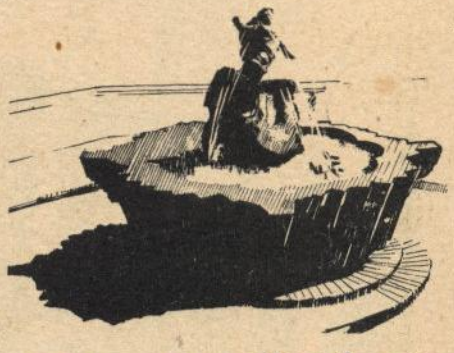


Na gloriosa França do século XVIII, através do fausto e esplendor dessa época, ocuparam lugar de grande relevo inúmeros artistas que se tornaram imortais pelas suas obras de inconfundível valor.

Não seria concebível deixar de classificar em primeiro lugar, as suntuosas fontes de Versalhes. Êsse grandioso conjunto de maravilhas artísticas, em que a água jorra exuberantemente numa expansão orgíaca de beleza resplandecente, entusiasma e sugestiona o mais insensível espectador.

Nessa expressão artística, em que se exibem aos olhos do vizitante como torrentes fantásticas os assombrosos monumentos das Grandes Águas da Bacia de Neptuno, Apolo e de Latone, há uma grandiosidade que, jamais, fôra alcançada anteriormente na decoração monumental aquática.

Nas fontes modernas, destaca-se o gênio de artistas, tais como Carl Milles, celebre escultor sueco, radicado nos Estados Unidos. A sua famosa *"Fonte dos Orfeus"*, modelada em Cranbrook há 13 anos foi, também fundida em bronze na Suécia e montada em frente ao "Concert Hall", de Estocolmo.



Conta-se que a pequena *"Fonte de Jonas e a Baleia"* representa sátira frisante do autor, numa manifestação de protesto contra a pequenez do *"atelier"* que lhe ofereceram os americanos por ocasião de sua chegada aos Estados Unidos em 1920.

Além de outras fontes que adornam os jardins da *"Cranbrook Academy of Art"*, existe, hoje espa-

lhado pelos Estados Unidos um grande número de trabalhos seus, destacando-se as fontes da cidade de *Saint Louis.*

O movimento rítmico da vaga que simbolisa o curso da vida, está caracterizado na *"Fonte do Tempo"*, por Lorado Taft em Chicago. Êsse grupo de figuras de várias condições sociais da humanidade, surgindo do chão, desfilando, e retornando à terra, perante à figura austéra da Eternidade, é uma gloriosa tentativa artística, para integrar o homem com a natureza.

Como sempre, em suas manifestações de exuberância que caracteriza o povo americano, a *"Buckingham Memorial Fountain"* no *Grand Park*, de Chicago, incontestàvelmente, é a maior fonte dêsse tipo no mundo inteiro, tendo o dobro do tamanho da fonte de Latone em Versalhes.

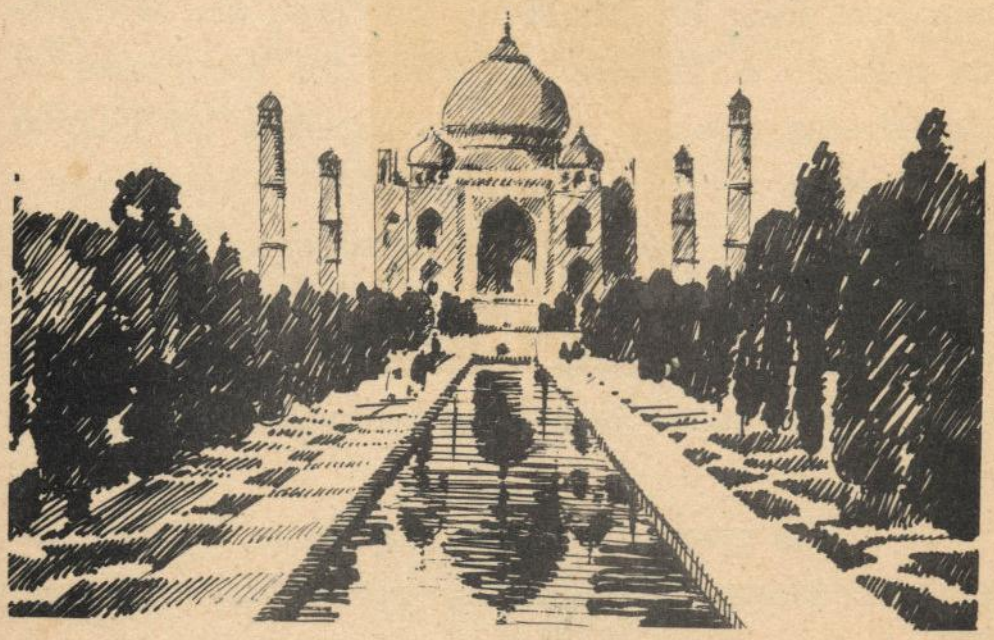
Dada a técnica moderna, com a utilização da água e da luz, obtem-se, hoje, com seus primorosos efeitos, a arquitetura luminosa numa notável contribuição à decoração.

As festas noturnas da Exposição de 1937,

em Paris e da Feira Mundial de Nova York em 1939, reùniram uma execução harmoniosa, à qual a engenharia prestou seu valioso auxilio, rendendo homenagens à arte.

ESPELHOS DÁGUA

Esse importante elemento decorativo que tem sido empregado em grande diversidade de formas geométricas, tem a finalidade de realçar os monumentos arquitetônicos, refletindo-os em conjunto com a paisagem. Na maioria das vêzes, a imagem refletida designa o Espelho dágua, como no caso do *Taj-Mahal*



em Agra, mundialmente conhecido como uma jóia da arquitetura que nasceu da fusão da arte indiana e perso maometana, durante o mais fértil período da última fase do desenvolvimento indu: o do Imperador Mughal.

Em Madura, também, na Índia, deve ser citado entre outros o famoso *"Estanque dos Lótus de Ouro"* que reflete tôda a monumentalidade do grande Pagode de Gopura, com o seu estranho rendilhado de figuras humanas que traduzem o misticismo da vida espiritual indu. No Alhambra de Granada, é digno de menção o "Espelho" do Páteo dos Arrayanes, ou da Alberca, que é o centro de interêsse do Palácio dos Sultões, em cujas àguas se reflete a massa imponente da Torre de Comares. Também no Alhambra, a beleza da Torre das Damas, é espelhada na serenidade de uma grande peça dágua, à borda da qual anteriormente dois leões de pedra vomitavam água.

Os quatro "Espelhos" do Páteo dos Evangelistas no Mosteiro de Escorial, construído no século XVI, são caracterizados pela sua composição geomé-

trica. No dizer dos historiadores, êsse páteo nunca deixa de manar água de seus quatro cantos e a êle terá que aproximar-se quem quiser ouvir o gemido perene do misterioso coração da água.

Citações inúmeras, ainda, poderiam ser feitas, sôbre espelhos dágua, das mais diversas formas e, de tôdas as partes do universo, porém não se deve deixar de reconhecer que as mais famosas peças dágua são as de Versalhes. Espelhos, bacias e uma grande variedade de peças dágua refletem obras primas de escultores famosos, harmonizando-se com jardins maravilhosos, através de uma época de cultura e esplendor.

A serenidade de *"Le Mirroir"*, das *"Peças Dáguas Suíças"* e *"Le Canal"* vem contrastar com o borbulhar contínuo das inúmeras fontes e cascatas dos jardins de Versalhes.

LAGOS ARTIFICIAIS

semelhança dos Espelhos Dágua, os lagos artificiais são elementos refletores altamente decorativos. Não estando sugeitos a composições rígidas, a sua forma livre, harmoniza-se esplêndidamente com a arquitetura moderna, razão pela qual o seu emprêgo está tão em voga atualmente. Na maioria das vêzes, porém, o seu valor decorativo é enriquecido, quando adornados com plantas aquáticas, quebrando, assim a sua monotonia.

GRUTAS, CASCATAS ARTIFICIAIS ETC...

sses elementos naturais são aproveitados muitas vêzes em sua forma primitiva e embelezados pelo homem e tomam o relêvo dos efeitos decorativos na plenitude de seu valor artístico.

OUTROS ELEMENTOS DECORATIVOS

á foram mencionados anteriormente, vários emprêgos da água parada ou em movimento, na decoração, usando-se de vários elementos de utilização decorativa e das leis de composição. Nada foi dito, porém, sôbre o emprêgo do vidro e da luz artificial, tendo como fonte de inspiração a água cristalizada, a espuma, os pingos e a gota dágua.

II

NOVAS UTILIZAÇÕES DA ÁGUA NA DECORAÇÃO

Usando-se dos recursos que a indústria moderna nos proporciona, talvez se pudesse chegar a obter novos efeitos decorativos com o emprêgo do vidro fundido e da materia plástica nos quais se tornaria fácil a introdução de aparelhos internos de iluminação, dando, assim uma fantástica impressão de incandescência, jamais obtida. É evidente que êstes novos materiais seriam, no caso em referência, empregados em fontes monumentais, nas quais corti-

nas dágua, de tôdas as côres do arco-íris, contrastassem com essas esculturas incandescentes, num fascinador espetáculo de originalidade.

Com a finalidade de melhor poder ilustrar as idéias expostas, foi projetado em lugar bastante acessível, um conjunto arquitetônico que involve grande número de elementos de decoração aquática.

O projeto subdivide-se em duas partes distintas; recreativa e cultural. A primeira é de grande necessidade para aqueles que levam a vida intensa das grandes cidades, e, a segunda para os que queiram cultivar a arte e as ciências.

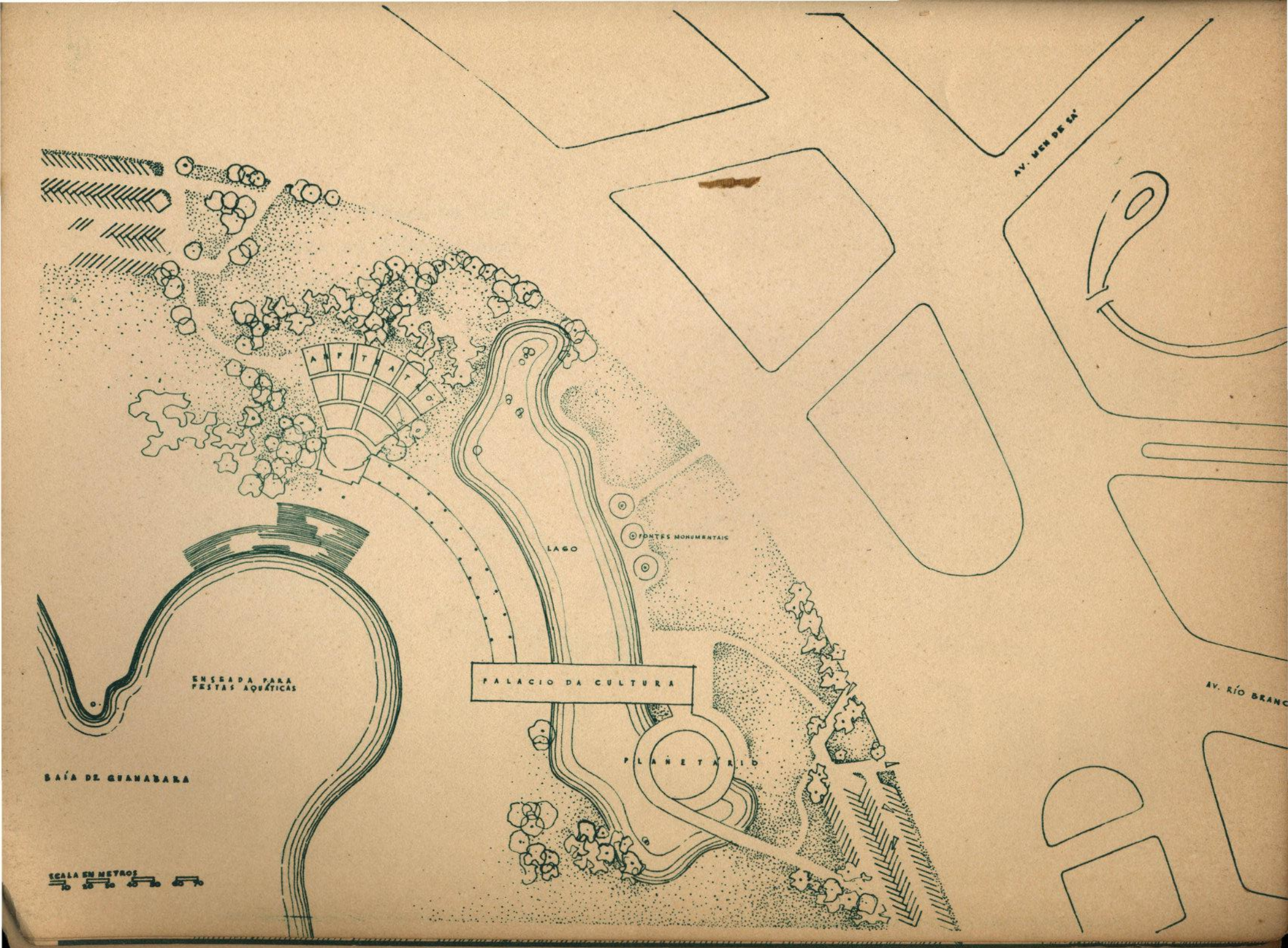
Devido a exiguidade de espaço, o local escolhido foi a faixa de mar para aterrar, limitada entre o aeroporto Santos Dumont e a Praça Paris, na qual foi prevista uma enseáda que servirá para festas áquaticas diurnas e noturnas. O anfiteatro ao ar livre tornaria agradaveis os espetáculos em noites de calor e comportaria uma grande multidão.

O grande edificio que destaca-se entre os demais, pela sua massa imponente, é o "Palacio da Cultura", em cujos inúmeros andares funcionarão:

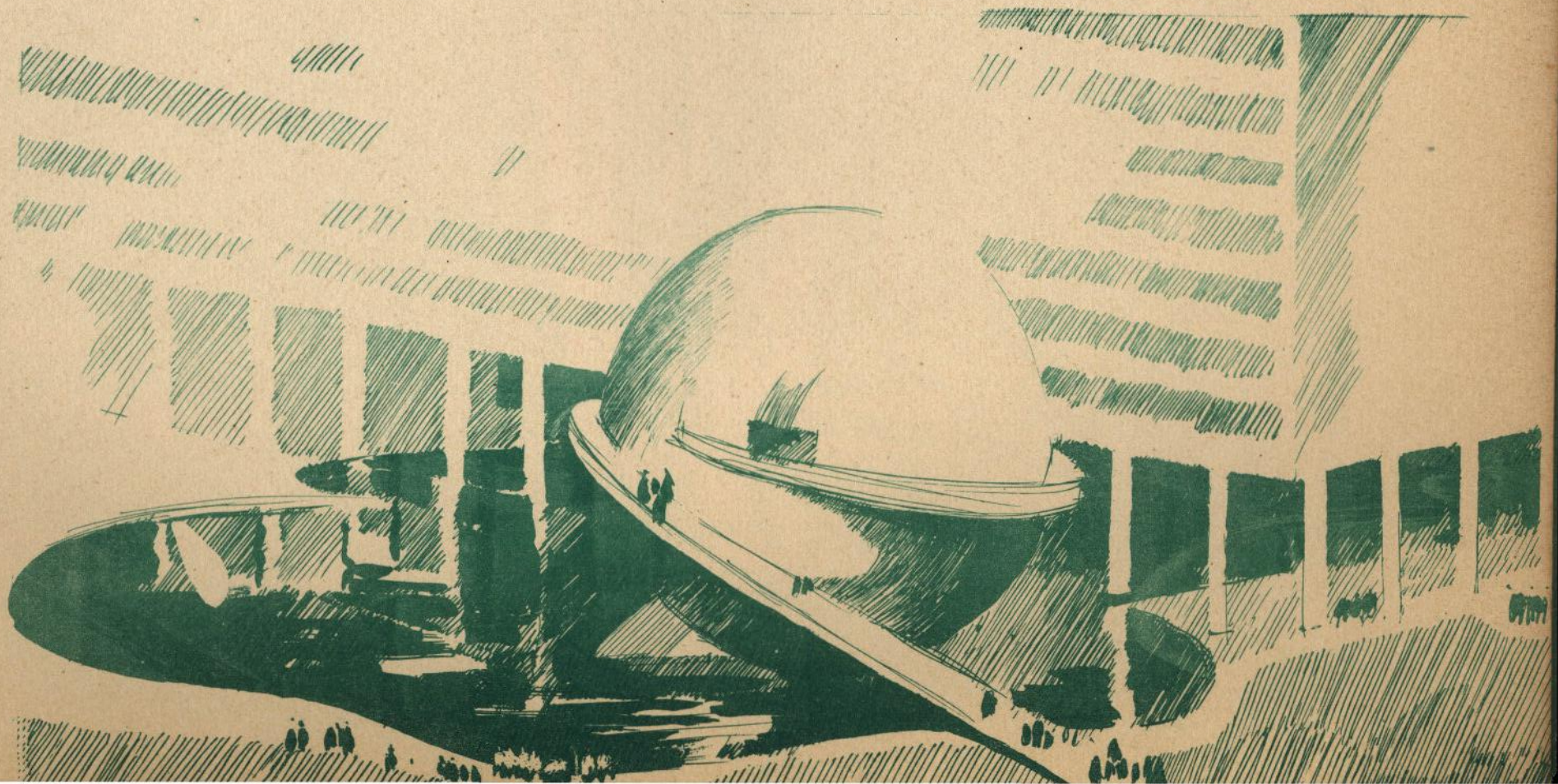
- Museu de Ciência e Indústria
- Museu de Artes
- Museu Histórico
- Biblioteca
- Aquario
- Planetario
- Exposições permanentes e temporárias, etc...

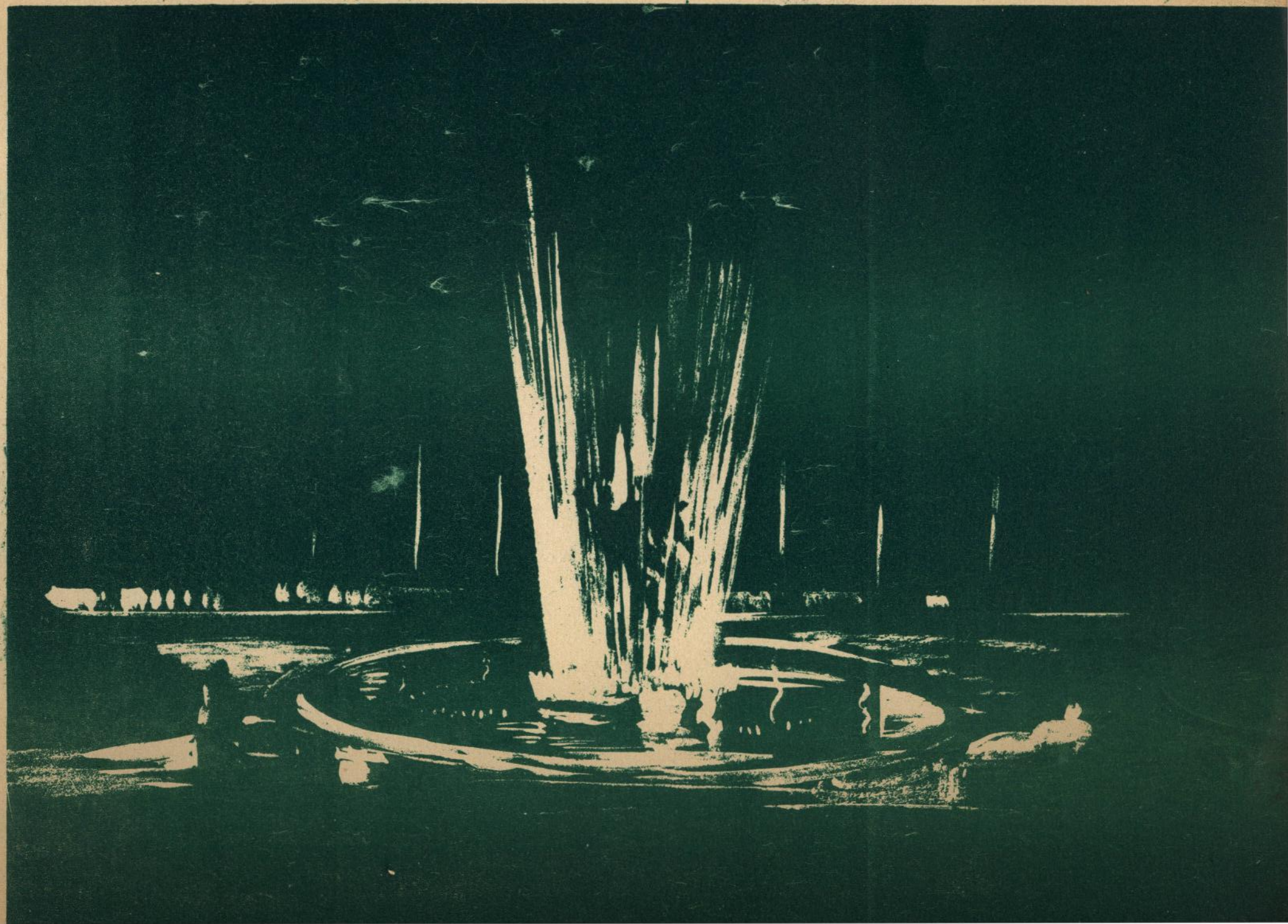
É de se esperar que êsse conjunto, que reune a arte, a ciência e a recreação, venha trazer o deleite e a divulgação da arte pela nossa gente, e, seja um dos principais ponto de atração de nossa maravilhosa capital.

As paginas que se seguem apresentam alguns esboços do projeto.


AV. MEM DE SÁ
AV. RÍO BRANC
ANFITEATRO
LAGO
FONTES MONUMENTAIS
PALACIO DA CULTURA
PLANETARIO
ENSEADA PARA FESTAS AQUÁTICAS
BAÍA DE GUANABARA
ESCALA EM METROS
10 20 30 40 50 60

Vista parcial do "Palacio da Cultura" vendo-se em primeiro plano o Planetario refletido no Lago





BIBLIOGRAFIA

CHANSON - Andrè -- Le Chateau e le parc de Versailles -

COMMELIN - P. -- Nova mitologia Grega e Romana - Tradução de Tomaz Lopes

CORRÊA - Magalhães -- Terra Carioca - Fontes e Chafarizes -

DENIS - Ferdinand -- Le Monde enchanté -

FAURE - E. -- Historia del arte -

GUINON - J. G. -- Maravilhas del Universo -

HARBESON - John F. -- The Study of Architectural Design -

MARIANO - José Filho -- Chafarizes do Mestre Valentim -

NOLHAC - Pierre -- Les Jardins de Versailles -

PÉRATÉ - Andrè -- Versailles -

RICCI - Corrado -- Baukunst und Dekorative Sculptur der Barockzeit in Italien -

RODRIGUES - José Wasth -- Documentario arquitetonico -

SPELTZ - Alexander -- Styles of Ornament -

STITES - Raymond S. -- The Arts and Man -

TAUNAY -- Zoologia Fantástica do Brasil -

VALTON - Edmond -- Les Monstres dans l'Art -